

Um prego no coração

*

Natureza Morta

*

Vicio



Um prego no coração

*

Natureza Morta

*

Vicio

Paulo José Miranda



À Senhora Dona Maria da Assunção Sampaio
Martinho,
ao Senhor José Geraldo Marques



*Um prego no
coração*



Meu querido amigo

Muito me honra e apraz o valor em que me tens. Mas não sei se serei a pessoa indicada para te dirigir a crítica por que tanto anseias. Nesta hora de grande criatividade, é natural que recorras àquele que sempre te escudou atentamente e com sincera admiração, nestes dois últimos anos, sobretudo porque não existe a sombra de uma intimidade que me obrigue a um erro de juízo. Também é certo que sou um leitor atento de poesia, há já alguns anos que venho redigindo alguns estudos e, para kantiano convicto que sabes que sou, isto seria suficiente para pronunciar-me acerca do poema que envias. Mas o génio, se o tiveres, só alguém de génio o reconhecerá. Assim, adiante, limitar-me-ei a proferir aquilo que me parece mais relevante e a responder às questões que me colocas.

Quanto à referência a minha irmã, lamento ser portador de tão más notícias, pois ao que parece ela não quer sequer ouvir o teu nome, embora tenha lido os teus poemas, ou devo antes dizer poema?, e tecido alguns comentários, que em momento oportuno tentarei reproduzir. Como vês, não tens razão para temer uma possível falta de frontalidade da minha parte. Reconheço em ti um espírito elevado, para os quais a verdade, ou aquilo por que nestes ela é tomada, assume uma importância mais determinante do que as boas maneiras.

Dizes-me que já vieste a Sintra duas vezes desde que te encontras na quinta de teus pais em Linda-a-Pastora, juntamente com esse outro grande espírito, Ramalho Ortigão. Seria um prazer enorme, que na vossa próxima caminhada pudésseis almoçar aqui em casa. Minha irmã parte dentro de três dias para a Suíça, com minha tia. Como seguramente não regressarão antes de Outubro, não vejo nenhum inconveniente em que me visites. Passaríamos uma tarde sossegada em torno de alguns novos livros recém-enviados de Londres, se é que podemos falar em sossego com tais livros.

Quanto ao teu sublinhado, quase exigência, de uma carta longa, de modo a parecer que me escutas nos meus extensos monólogos pela tarde fora, prometo-te muito esforço para compensar o pouco talento da minha prosa.

Mas, ainda antes de iniciar a “crítica” que me pediste, devo anunciar que vou abster-me de comentar aquilo que sabes bem melhor do que eu, todas as questões relativas à tua prosódia. Estrofes de quatro versos, rima A-B-B-A, sendo o primeiro verso decassilábico e os restantes três dodecassilábicos, *et cætera*. Por outro lado, perdoa-me a perspectiva demasiado filosófica, mas tu próprio pediste profundidade e verdade, que talvez sejam o mesmo. No fundo, estou convicto de que não desejarias o fizesse de outro modo.

O *Sentimento dum Ocidental* agrada-me mais do que tudo o que escreveste até agora, mais ainda do que os outros poemas de que já tinha gostado tanto, *Num Bairro Moderno*, *Em Petiz* e *Cristalizações*. E o meu apreço por ele começa logo pelo título. Não poderia encontrar título que mais me agradasse e que melhor anunciasse a tua poesia, em geral e, em particular, este poema. Por ele, vislumbramos Homero. E os versos que se lhe seguem são versos que enraízam na compreensão desse primeiro poema, que é a *Ilíada*, onde se encerra todo o mistério desta

arte de finas areias que é a poesia. Cesário, Homero outra coisa não fez do que cantar a vida dos Gregos! E cantou-a através dos seus hábitos, das suas vestes, suas ferramentas e ódios. Falou da paixão. Mas como falar da paixão, sem objectos? Como falar de um corpo, sem que se perscrute as vestes? Acaso julgarias mal se Homero iniciasse a *Ilíada* com os seguintes versos?

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

Lembra-te apenas de trocar o Tejo pelo mar Egeu e facilmente verás Aquiles à porta de sua tenda, de pé, tentando alargar o horizonte de seu coração, após a contenda com Agamémnon e vendo as tropas afastarem-se, ao longe, para combaterem sem ele, que ali fica preso ao som do Egeu e da cólera.

“Nas nossas ruas”, escreves. Não escreves que são as sombras, o Tejo, a maresia, as causas de tamanha soturnidade, de demasiada melancolia. É na nossa alma contemporânea que ao anoitecer há tudo isso, de tal modo que para onde quer que se olhe nos olhamos, para onde quer que se olhe só há esta alma: a melancolia, a soturnidade que verso após verso, Cesário, tu nos mostras. E como não há-de tal alma despertar em nós um desejo absurdo de sofrer? Gostava de atentar prolongadamente neste verso magnífico: “Despertam-me um desejo absurdo de sofrer”. *Despertam-me* diz-me: cair em si. O poeta cai em sua alma, assim como todo o homem que siga o seu verso. E *desejo absurdo* não é um pleonasma qualquer, é um pleonasma que revela a alma. Pois, todo o desejo é contrário à razão, mas a consciência disso dilacera. Então, *sofrer*, com genitivo, engorda ainda mais o pleonasma. *Desejo absurdo de sofrer* é a vida. Assim, aquilo que a soturnidade e a melancolia lhe despertam é a vida numa alma em final de século. Sei que neste momento te pareço um místico,

como muitas vezes me tens chamado. Mas, como em repetidas ocasiões também te tenho dito, não te enganes, Cesário, tens tamanha fé que não crês em Deus, crês num mundo melhor pelo esforço dos homens e que pela poesia podemos começar a lavrá-lo. A poesia quando é grande é caridade. Recordas-te, certamente, daquela passagem de São Paulo na primeira *Carta aos Coríntios*, que te li no ano passado: “Sem caridade nada sou”. E caridade não é dar esmola, mas paciência; o bem no coração e a aspiração de verdade. Se entenderes deste modo a filosofia, então, e segundo as tuas palavras, concordarei com o meu epíteto de místico.

“O céu parece baixo e de neblina”, continua o poema. Parece, escreves tu. E aquilo que parece não é senão em forma de simulacro, uma imitação que não chega a ser sequer imitação. E não nos ensinou Platão, que é precisamente com este escândalo, perceber que existe aquilo que parece mas não é, que se inicia todo o filosofar? E o céu, que representa no verso este substantivo que parece baixo e de neblina? Será o único céu que resta a estas nossas almas contemporâneas, um simulacro sem horizonte e infecto de gases? “O gás extravasado enjoa-me, perturba;” e o que também perturba é o céu que estas almas já não vêem, que já não vemos. Perturba aquilo que parece um ganho, uma evolução, a nossa marca de civilização.

Respondo-te, hoje, de um modo diferente às tuas eternas dúvidas: entre as *Odes Modernas* de Antero e *O Sentimento dum Ocidental*, prefiro este teu poema. Não é que a poesia de Antero desmereça, pelo contrário, mas se o universo se dividisse em dois, um o universo *clássico*, o outro o universo *romântico*, optaria sem dificuldade pelo primeiro. E sem dúvida que te encontraria aí, como do mesmo modo poderíamos encontrar Antero no outro. E não te deixes enganar pela expressividade desta prosa, talvez mais romântica do que clássica, mas só o grande talento, talvez

mesmo só o génio, pode superar uma época, o seu tempo; eu escrevo como posso, não como quero. Estas minhas considerações podem ser de pouca valia, mas são sinceras e não desprovidas de algum conhecimento. És hoje, meu caro Cesário, um dos grandes poetas da nossa língua. E nesta altura, em que o partido republicano resolveu organizar a comemoração do Centenário de Camões, tu, que és o mais revolucionário de todos eles, pegas-lhes com este colossal poema, que não há melhor forma de elogiar um poeta. E não te incomodes por aqueles que deveriam estar do teu lado te não terem apreciado, deixa-os entregues a essa fraude, *A Fome de Camões*, que é o que eles merecem. Celebrem com Gomes Leal já não haver Camões, que é a única coisa que a superficialidade poética pode celebrar. Já que não podem ser novos, que chorem os velhos, quando estes não deveriam ser chorados, mas cantados no interior dos corações para que aí se forjassem novas lágrimas, novos risos. Platão chamou cabotinos aos poetas, não concordo mas compreendo e ele não poderia dizer outra coisa por amor da razão. O facto, meu amigo, é que são muito poucos os poetas que não o são. E não será ao redor de *Gomes Leais* que os iremos encontrar.

Estive anteontem com o António de Macedo Papança, ele passou cá por casa e disse-me que também lhe havias escrito. E chegou mesmo a ler uma passagem, espero que nos perdoes, de modo a vincar a injustiça que te cometem: “Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação. Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!”. Mas não te atormentes tanto com o não reconhecimento. Preocupa-te, isso sim, com a tua saúde, para que dures muito a escrever poemas destes. Lembro-te o mesmo conselho que há uns anos deste ao António, e que não há muitos meses ele te re-

tribuiu em minha presença, no *Martinho*: “Primeiro do que tudo está a vida; se te sentes doente ou fraco trata de ti e descansa. Ainda estás muito novo e nada te apressa”. Que esperavas da nossa Lisboa, do nosso Porto, se tu mesmo dedicas essa obra-prima a um poeta muito inferior a ti: *A Guerra Junqueiro*, escreveste. Sim, meu amigo, inferior. E isto, reconheço, pode ser um entrave ao génio. Compreendo a tua admiração por Junqueiro, pois vês nele um poeta preocupado com as questões sociais. Mas por debaixo de todo o estardalhaço das suas sátiras não lhe encontro nada. *A Morte de D. João* é um poema que em momento algum poderá emparceirar com *O Sentimento dum Ocidental*. Aquele tem tanto de superficial quanto este tem de profundo; tem tanto de demagogia quanto o teu tem de filosófico. O teu poema é um canto, suave como todos os cantos, doce mas triste; o de Junqueiro é uma farra, uma feira. Tenho mesmo dúvidas se as suas preocupações sociais são autênticas ou mero oportunismo. Mas isso não importa aqui. Escuta, meu amigo, dos poetas de hoje só me importam dois: Antero e tu, Cesário. Os meus dois mundos poéticos, que felizmente não preciso apartar, ao invés da imagem anterior.

Quando tu, Cesário, escreves os pobres, não escreves só socialmente, mas muito mais fundo, tu escreves a vida. A tua, a minha, a de minha irmã e também a dos calafates e das varinas. O que escreves, com todo o vigor de um Homero, é que tudo, mas tudo, cansa:

*Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros como estrelas, pouco a pouco*

Todo o género de vida cansa, mas talvez ainda canse mais a vida de quem tem o valor da arte, da letra que ensina.

*E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de latim!*

Sim, Cesário, tu também escreves porque não és reconhecido, escreves o que sucede ao valor, a todo o género de valor, por isso não esqueces o teu, nem de quem o ensina. Neste longo poema quaternário, vejo a realidade, toda, diante de uma alma contemporânea. Minha irmã não julga nada disto. Acha que te falta veia, que a tua poesia voa pouco e não diverte. É como te digo, tem Junqueiro que o merece. Mas não liguês à opinião de Luísa, não liguês às mulheres. Só te ajuda na saúde! Não fiques atormentado com as palavras dela. Se ela te merecesse, eu seria o primeiro a estimular o vosso encontro, mas assim, só faria perderes-te. Ela não merece sequer o poema que lhe envias, *Em Petiz*, e que tantos problemas e angústias te causaram com o *Diário Ilustrado* e esse jornalístazinho, que ainda que tivesse um poema dentro dele não o reconheceria, quanto mais um poema que não só está fora dele, como fora do seu tempo. De qualquer modo, esse episódio triste serviu para confirmar o que sempre julguei de ti, contrariamente ao que fazes crer aos outros: não és frio, mas antes um vulcão que trabalha lentamente o seu fogo no interior da terra e que demora a ser activado. Mas se minha irmã não merece nenhum poema teu, tu mereces que por causa dela possa, ao menos, sair-te um poema. Já que não és cristão, sente isso como uma vingança. A vingança de quem consegue criar, sobre todos os outros que sofrem sempre menos do que ele; sê também Grego na vida.

Escreves-me dizendo que houve um tempo em que ela se te dirigia com outras palavras, outros modos, mas não sei se o compreendo bem. Cesário, chega um momento na vida em que já não suportamos mais perder coisas, pessoas; isso torna-se-nos mais importante do que acrescentar outras às que já temos. Mas, infelizmente, as mulheres não são assim, estão sempre dispostas a ganhar novas coisas, novos lugares, novas pessoas, mesmo em detrimento das que já têm. Por isso, não te admires de ter havido

um tempo em que Luísa, ela mesmo mo disse, se tenha referido aos teus cabelos loiros e olhos azuis como à sua Inglaterra em Lisboa. A tua elegância, ao entrar pela primeira vez na nossa casa em Lisboa, fato azul, jaquetão, os gestos firmes e decididos, conquistaram-na de imediato. E mesmo mais tarde, na primeira vez que aqui vieste, como ela mesma disse, foi ainda como se Inglaterra entrasse por esta casa adentro. Mas estas impressões, ao acaso, que tinem nas almas incontinentes, também lhes acontecem face à poesia. Atentam apenas na elegância daquilo que mais facilmente se observa, nos efeitos de “bom gosto”, que outra coisa não são que ausência de qualquer gosto. Falta de conhecimento, assevero-te, caro Cesário. Aquilo que para os teus detractores, porventura os haverá, não passa de observações pueris, é para mim o mais alto a que a poesia nos pode elevar. Se os teus versos fossem somente descrições, estaríamos diante de uma crónica e não de um poema. Falta de conhecimento, repito. Mas, meu caro Cesário, quem é que hoje lê Homero, *A Ilíada*? E se lhe retirássemos todas as *descrições*, deixando ficar somente *os versos elevados*, não restaria nada desse grande poema. E, não esqueças, trata-se de um poema que educou um povo, porventura a maior de todas as civilizações, o berço de *O Sentimento dum Ocidental*. Mas o berço dos nossos homens cultos, hoje, parece ser Walter Scott e Vítor Hugo. Como podem apreciar-te a elegância, se não lhes dás aquilo que tanto desejam, o “bom gosto”, que no fundo é apenas a capacidade de esconderem a própria ignorância do que isso seja e do que seja poesia. Estarei a teu lado, no dia em que os dias se sintam preparados para receber-te, ainda que a morte já nos tenha chegado. Os homens não são bestas, apenas demasiado lentos na aprendizagem. E Luísa deslumbrou-se rapidamente por ti, porque em verdade talvez a genialidade não possa passar despercebida. O difícil é suportar a força que ela teima em despertar em nós. A vida defende-se naturalmente de homens como

tu, quando digo vida, digo resistência orgânica, sobrevivência. A maioria dos homens não suporta uma prolongada investida do espírito, há que descansar, descansar muito. Este século XIX está de rastos, duas décadas e acabou-se, há que esperar, Cesário.

Mas não penses que não compreendo o teu sofrimento perante a desilusão do amor. Compreendo-o e bem demais, Cesário. Houve um tempo em que amei, em que acedi a essa ilusão, a esse simulacro da realidade. Mas, no fundo, que podemos nós amar, senão a verdade? E em nenhum corpo a encontramos, seguramente em poucos espíritos. A verdade é a nossa alma sedenta de mundo e de Deus, e o amor apenas uma estratégia de esquecimento de tudo isto. Não é que não doa, porque dói! Mas a dor é somente o desencontro entre a alma e o mundo. Por vezes, penso que só os poetas amam verdadeiramente, mais ninguém. E, no entanto, Camões não cantou outra coisa senão a impossibilidade do amor. Impossibilidade, porque o instante não persiste, porque no mundo tudo é mudança e uma alma anseia apenas por permanência.

Esquece o amor, esquece as mulheres, concentra-te no teu trabalho, nos teus poemas. Aquilo a que o comum dos homens chama amor não passa de um contrato de medo firmado com o outro, por intermédio da solidão. E a solidão no poeta leva-o para muito mais longe do que um outro, leva-o para a realidade, a mais pertinente das evidências.

A Luísa merece um Junqueiro, não um Cesário. Aqueles que se divertem, que se esqueçam uns nos outros, é o que te digo e aconselho, amigo. Que o Junqueiro continue a escrever as suas *farras* para uma Luísa, e que a Luísa continue a aspirar por um Junqueiro, ou pior, porque também os há. A ti, aconselho-te a perseguir a tua própria alma, a tua própria dor, e a regozijares-te nela, porque é a maior de todas as alegrias. Não acredites na felicidade, meu amigo, ela só foi inventada para desculpar as

mediocridades de talento e perseverança. A felicidade é um casamento de conveniência, numa casa de “boas maneiras” onde se lê Walter Scott e se suspira por aventura. Tudo corre *perfeito* porque se esqueceu a vida. Os Gregos foram mais exigentes com essa palavra, mas vê aonde os conduziu, à contemplação e ao bom senso, o meio termo ou a justa medida, como escreveu Aristóteles. Um poeta não se deixa enganar, meu caro. Ele exige a *natureza*. Não a felicidade, mas a natureza. Não o bom senso, mas a genialidade. E admiras-te que se não tenham referido ao teu poema! Por vezes, julgo que o mais genial dos poetas tem necessidade de se enganar, como se os seus poemas só pudessem vir à página na directa proporção do engano conseguido na vida. É um falso engano, mas necessário para fertilizar.

Minha irmã anseia pela felicidade, minha antiga amada anseia pelo mesmo. Mas julgas que se as interrogarmos acerca disso elas nos poderão responder? Pois enganas-te se assim pensas. Quanto à natureza, pôr-se-ão a falar das camélias, dos plátanos, da força misteriosa da Primavera, dos campos verdejantes da Irlanda, das impressionantes montanhas geladas da Suíça, de um cruzeiro pelo Nilo e coisas do género. Para elas, a natureza é o folclore da vista. E julgas que se as interrogarmos acerca de religião, de Deus, de caridade, elas nos saberão responder? Julgas haver bondade em suas almas? Cesário, a única coisa em que pensam é em não se aborrecerem, e é nisto que se traduz nelas a bondade. A caridade, já to disse e escrevi, ainda é mais difícil, requer paciência, verdade, coisas que apenas avisam nos outros, e não de muito perto. E é uma pessoa destas que amas? Esquece o amor, meu caro amigo, concentra-te em ti, na tua alma, no teu amor pela natureza, concentra-te na poesia. A mulher é uma fraqueza da alma, doce porém.

Mas não devo esquecer que escrevo para falar do teu poema. Não obstante, se te digo isto, é para que te não extravies no ilusório caminho dos *formalistas*, te não ponhas a bradar versos ingénuos e a desejar quimeras como João de Lemos: “um peito que entenda o meu”. Antes “um desejo absurdo de sofrer”, caro Cesário. Como muito bem sabes, a religião para mim é apenas uma investigação. Não renego a Deus, mas às teorias. Mas ainda mais facilmente renego a um coração que entenda o meu. E o amor à morte, tão em voga, é algo que não compreendo. O teu poema, se outro mérito não tivesse, teria este: mostrar que a morte anda connosco pelas ruas, pelas casas; a morte é o absurdo que desperta em nossos corações, ao tentarmos entender a vida.

*A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!*

Como se pode amar tal coisa, senão por superficialidade ou ignorância? E isto, caro amigo, tu nos mostras. E, enquanto tantos outros se entregam a um terror barato, tu escreves que o único terror é o não sentido das coisas, o não sentido da vida.

*À vista das prisões, da velha Sé, das cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.*

Leste, porventura, o já célebre artigo de Antero na *Revolução de Setembro*, acerca da poesia contemporânea: “A poesia deixa de duvidar e de cismar, para afirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos factos de cada dia; dá às acções, que parecem triviais, da vida ordinária, um carácter e significados universais”. Mas isto que ele proclama, não o fez, nem ele nem ninguém na nossa língua, senão tu, Cesário. Antero, por mais que se tenha esforçado, nunca abandonou poeticamente o romantismo. E sabes porquê? Porque ele sempre esteve acima dos românticos. Antero é Antero. Provavelmente o maior poeta da nossa língua, depois de Camões. E agora tu surges como sendo a

grande visão de Antero. Aquilo que Antero previu em 71, leva-lo tu a cabo em 80. Foram precisos quase dez anos para que se materializasse a visão do grande poeta Antero e, contudo, agora já ele não consegue ver.

Também tu não vês como se pode sangrar até à imobilidade do espírito, por uma mulher. É preferível que chores por dentro, desejes o impossível, permaneças nos poemas. Lava com versos a tristeza que te habita a alma. Não te salva, mas também não te perde. Dizes-me na tua carta, que nada é mais triste do que um verso mas, asseguro-te, querer escrevê-lo e não poder ainda é mais. Estas são as nossas duas tristezas, as nossas vidas. E não desejes outra, não só já é tarde para isso como também nenhuma outra vida podia fazer esqueceres-te de ti. Vê o resultado da tua actividade comercial! Esse teu engano, essa tua distração, que usas como desculpa para *ganhar* a vida. Não importa se a ganhas ou se a perdes, importa é compreender que nenhum benefício comercial acalmará a tua ânsia de reconhecimento poético. Posto isto, faz o que quiseres, mas não esqueças nunca que são os poemas que te dão o teu ser. E agradece a Deus, aos deuses, o facto de o mistério da arte fazer de ti casa. Pois, auguro-te a eternidade nos corações dos espíritos futuros.

Do teu tormento nada sei senão o meu, provavelmente será uma sombra do teu, mas mesmo sem saber do que se trata, sem saber se o meu corpo, o meu espírito, suportariam tal prova, arriscava-me a trocar este meu tormento pelo teu. Cesário, o que é uma mulher, por mais bela que seja, diante da eternidade no coração dos homens? Trocarias a eternidade pela Luísa? Só o facto de te pores a pensar, de duidares, revela o quanto estás doente, meu caro. A realidade, que o poeta que és tão bem conhece, mais cedo ou mais tarde, virá à tona de tua alma. Nesse dia voltarás a ler esta carta que te escrevo e dar-me-ás razão. Razão, sim, porque é disso que se trata, e repara que não digo bom senso,

mas razão. A mesma que faz que orientes a tua inspiração tão adequadamente à realidade, que faz que os teus poemas sejam superiores aos dos teus demais contemporâneos. No fundo, hoje, todos desejaríamos ser Cesário, se todos tivéssemos consciência de que aquilo que escreves é aquilo que desejamos escrever. Mas talvez só no futuro possamos reconhecer a voz que queríamos ter tido no passado. Talvez só o génio congregue a consciência de todos os tempos no seu momento presente, no seu poema. Mas esta razão a que deves tanto, e à qual continuamente teimas em virar as costas, nunca te abandonará, hoje estou convicto disso, mais facilmente te abandonará a vida. No fundo, ser-se poeta talvez seja lutar contra a razão como contra um pai protector do qual não nos conseguimos libertar.

Mas não julgues que o amor ao saber não seja uma perdição, porque é. E talvez em mim haja dois seres perdidos: um que busca o saber e outro que chora os versos que não vêem. Não escrevo isto para teu conforto, como deves calcular. A miséria dos outros não nos conforta em nada, pois o egoísmo é uma força imensa em nós e não seria contrariada por tão pouco. Escrevo-te isto apenas porque se trata de uma experiência que não podes ter, tu que tanto amas a experiência, aliás como toda esta nossa época. E só um grande poeta pode compreender este abismo, esta inviabilidade de aceder ao que te descrevo. Debate-te com isto, meu bom amigo, porque quanto maior a inviabilidade daquilo que se constata, maior a profundidade de desconhecido que um espírito pode alcançar, quando é grande. Também não te iludas com a possibilidade de encontrar uma outra mulher. Tu mesmo o escreveste: “Tiago, meu bom amigo, começo a aceitar que talvez Luísa não seja para mim, mas uma outra virá, só espero que não tarde muito, pois a minha saúde pode já não permiti-lo”. Nenhuma mulher, Cesário, corresponderá àquilo que dela esperas, porque nenhuma poderá corresponder ao amor, tal como tu

lhe correspondes. Para amar é preciso ser-se grande, talvez mesmo ser-se poeta, todos os demais se iludem nas sombras. E não julgues que com os homens será diferente! Destes, tens a temer a inveja. Confiar o espírito a alguém que o não tem é estultícia, mas confiá-lo a quem o possui apenas na proporção de entrever a grandiosidade de outrem é começar uma guerra.

Reconheço que o isolamento espiritual a que estás votado, tanto no seio de tua família quanto nas actividades comerciais desta, de que também fazes parte, te impulsionem apressadamente para companhias menos recomendáveis a um espírito como o teu. Ou, talvez, precisamente um espírito como o teu necessite de uma boa parte de mundanidade, para que possa em outros momentos produzir um poema como *O Sentimento dum Ocidental*. De facto, erudição e até mesmo cultura, podemos encontrá-las em grau mais elevado noutros conterrâneos da Lisboa de hoje, talvez não em muitos mas encontramos-las. Difícil, impossível, será encontrarmos um poema da envergadura do teu. Assim, talvez aquilo que serve para julgarmos os demais não sirva de medida para te julgar a ti. E se não podemos julgar-te, como podemos conhecerte? Como poderia um homem como tu desejar um coração que o entenda? Por outro lado, só um homem como tu pode compreender verdadeiramente a falha de entendimento entre os corações.

Concordo contigo, Cesário, e acedo ao pedido que me tornas a fazer, desta vez por escrito, pois já é tempo de saberes como tudo aconteceu. Vi pela primeira vez Marie de Saint-Loup em Viena, em casa do professor e filósofo Franz Brentano. Já te disse que foi o espírito mais agudo com que me cruzei, assisti-lhe a algumas aulas na Universidade de Viena e li a sua obra-prima, que data de 74, *Psicologia do Ponto de Vista Empírico*. É pena que os nossos homens de cultura, exceptuando um ou dois, se não atrevam com o alemão, porque a língua alemã está a produzir